e-scrita ISSN 2177-6288

V. 15 – 2024.1. CARREIRA, Shirley de S. G.

PRECONCEITO E EXCLUSÃO: UMA LEITURA DE *PURO*, DE NARA VIDAL

Shirley de Souza Gomes Carreira[1]

RESUMO: Este artigo tem por objetivo uma análise do romance *Puro*, de Nara Vidal, que se situa no período em que o movimento eugenista teve força no Brasil. Na cidade fictícia de Santa Graça, as personagens de Vidal aliam-se para extirpar da sociedade os negros e os deficientes em prol de uma pureza racial. Ao trazer à baila essa faceta do arquivo histórico, a autora revolve as bases do racismo e demonstra como os estereótipos e preconceitos são socialmente e discursivamente criados, promovendo silenciamento e exclusão.

Palavras-chave: Eugenia. Racismo. Discriminação. Preconceito. Estereótipo.

PREJUDICE AND EXCLUSION: A READING OF *PURO*, BY NARA VIDAL

ABSTRACT: This article aims to analyze the novel *Puro*, by Nara Vidal, which is set in the period in which the eugenics movement was strong in Brazil. In the fictional city of Santa Graça, Vidal's characters come together to eliminate black people and people with disabilities from society in favor of racial purity. By bringing this facet of the historical archive to the fore, the author revolves the foundations of racism and demonstrates how stereotypes and prejudices have been socially and discursively created, promoting silencing and exclusion.

Keywords: Eugenics. Racism. Discrimination. Prejudice. Stereotype.

Considerações iniciais

A primeira incursão de Nara Vidal no gênero romance resultou em *Sorte*, um dos vencedores do prêmio Oceanos. A ele se seguiu o romance *Eva*, com sucesso de crítica e público. A autora, brasileira de Minas Gerais e radicada na Inglaterra, é licenciada em Letras pela UFRJ e mestre em Arte e Herança Cultural na London Metropolitan University e já havia publicado obras dedicadas ao público infanto-juvenil

[1] Doutora em Literatura Comparada. Docente do curso de graduação em Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ- PPLIN. Procientista UERJ/FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8787-8283 E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

e um livro de contos antes de dedicar-se à narrativa romanesca. Os traços da sua formação se evidenciam na destreza com que constrói suas narrativas e manipula os enredos.

Puro, o objeto desta análise, é seu terceiro romance e traz à baila questões de atualidade incontestável, a despeito da contextualização do enredo na década de 1930. Em um lugarejo fictício denominado Santa Graça, a liderança local é movida pelo desejo de aprimoramento veiculado pelo movimento eugenista, buscando promover uma "limpeza social".

Conforme Weber Lopes Góes nos faz lembrar,

> A palavra *eugenia* é oriunda do termo inglês *eugenics*, que deriva da expressão grega *eugénes*, que significa "bem-nascido". Etimologicamente, o eugenismo (ou eugenia) é a ciência dos bons nascimentos. Fundamentada na matemática e na biologia, tinha como objetivo central identificar os "melhores" membros das comunidades para estimular sua reprodução e, ao mesmo tempo, diagnosticar os "degenerados" e evitar sua multiplicação (GÓES, 2023, p.76).

O termo foi cunhado em 1883 por Francis Galton, primo de Charles Darwin, que acreditava ser possível aplicar o conceito de seleção natural aos seres humanos. Sua intenção era comprovar que a capacidade intelectual era hereditária, justificando assim a exclusão de negros, imigrantes asiáticos e deficientes físicos e mentais.

A crença de que a nascente ciência da genética poderia resolver problemas sociais e econômicos encontrou solo fértil no Brasil ainda no século XIX, quando o naturalista alemão Carl Friedrich Philipp von Martius venceu o concurso de teses promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1845, cujo tema era "como se deve escrever a história do Brasil". Na década de 1920, em associação ao movimento sanitarista, o pensamento eugenista começou a tomar vulto. A mestiçagem no Brasil era considerada uma mistura de raças inferiores e essa percepção levou ao ideário do branqueamento social e à imigração seletiva, bem como equiparou a deficiência, de qualquer tipo, a um mal social.

Ao trazer essa temática para o âmbito da narrativa, Nara Vidal enseja reflexões sobre manifestações do racismo e de exclusão social que se revelam atemporais, mas vai além disso. A autora manipula a forma, mistura os gêneros, dialoga com outras obras, conferindo à sua narrativa uma engenhosidade que se revela à medida que os eventos se desenrolam no âmbito ficcional.

1. *Puro*: uma proposta de leitura

Puro é um romance que surpreende já a partir da estrutura da narrativa. A primeira página do romance, intitulada "Prelúdio", contextualiza de forma pontual a temática do romance em um parágrafo único que introduz objetivamente as personagens:

> São três mulheres velhas que moram em uma casa grande, também velha. Há no casarão um menino de mais ou menos quinze anos. Lázaro não é filho e nem neto de nenhuma delas. Estuda em casa. Dália ensina religião e piano. Lobélia ensina idiomas. Alpínia ensina culinária e noções de anatomia. O volume do rádio está sempre alto para as velhas escutarem música e, dizem as crianças pela cidade, abafar as vozes do sótão. A cidade se chama Santa Graça — referência de virtude e limpeza no território nacional. No futuro, negrinho ou doente nenhum foi visto ali. (VIDAL, 2023, p.8).

A narrativa é conduzida pelo pensamento e pelas falas das personagens introduzidos por rubricas, estratégia tomada por empréstimo do texto teatral, conforme mostra a passagem a seguir:

> *Íris pensa*
> menino mentiroso. Lázaro fala que veio da Alemanha, mas a velha Alpínia diz que o moleque não é muito confiável e sua origem é mais local e precisa: Três Vendas, zona rural de Santa Graça. A mãe dele, que ninguém conheceu, largou a criança na rua. Uma vez, Dália e Lobélia, ao passar no povoado para comprar marmelo da fazenda Bela Vista, se depararam com um embrulho de fiapos dentro de balaio. Era o menino, muito branco. Olharam para os lados. O ar seguro. Seco. Ninguém. Tarde firme. Ninguém em lugar nenhum debaixo do calor intenso e alaranjado. Sentaram-se na soleira da capela e esperaram quase a tarde toda que alguém chamasse pelo menino. Foi assim que nasceu o Lázaro. Nasceu de ninguém querer. (VIDAL, 2023, p. 11).

Vidal, que é uma estudiosa da obra de Shakespeare, sobre a qual tem oferecido vários cursos, faz uso das rubricas para estabelecer um fluxo narrativo plurivocal que desafia a convenção do romance. Ainda ecoando Shakespeare, há as três mulheres velhas que nos trazem à mente, de imediato, as *weird sisters* de *Macbeth*.

A temática do romance, ou seja, as consequências sociais do projeto eugenista, tem como alicerce duas personagens. Em duas casas vizinhas habitam Lázaro, um adolescente branco como uma nuvem, e Ícaro, um deficiente. O primeiro, apesar de filho adotivo, é instado a ter uma visão orgulhosa de si próprio graças à alvura da sua pele, pois "era raro achar criança pura assim sem pai e mãe. Sobrava era pretinho sem família" (VIDAL, 2023, p. 11). Assim, Lázaro cresce achando-se especial: "Minha mãe de sangue era alemã. Me deu porque não tinha marido. Padre Arcanjo pediu para as três velhas me olharem e me criarem. Meu sangue é puro, basta me olhar" (VIDAL, 2023, p. 14). O segundo, aprisionado pela sua deficiência, limita-se ao confinamento em sua casa, à varanda, em que se debruça para observar o casarão em frente, onde o outro menino vive, e às torturantes idas à escola, onde serve de chacota para os colegas:

> *Ícaro pensa*
> eu tenho treze anos e vou à escola, às vezes. Minha avó toma conta de mim enquanto meus pais trabalham. Não sei contar mais que dez e ouço vozes que vêm de debaixo da minha cama. O fantasma do vô me visita à noite quando perco o sono. Quando tinha oito anos, passei o aniversário no sanatório. Eu não me lembro, mas a mãe me contou que eu fui passar uns dias sendo observado porque eu tentei pular da minha janela. Eu teria caído dentro do tanque grande, onde os patos e marrecos do casarão bebem água. Um líquido barrento e grosso que fede o dia todo, mas é por lá a passagem para atravessar o oceano. Odeio ter de ir à escola porque, claro, só riem de mim. Alguma professora sempre vem me fazer companhia porque sente pena. Eu preferiria ficar sozinho, mas não me deixam. Gosto de ficar em casa, olhar os vizinhos e o casarão. Tem sempre algo de esquisito naquela casa, que a cidade inteira imagina ser mal-assombrada [...] os pombos, se existem, não dão conta de explicar os gritos de aflição e os choros que eu escuto do segundo andar. Já ouvi várias vezes. Claro, eu escuto vozes e por isso me dão remédio, vejo o fantasma do vô e ninguém acredita em mim. Também não imploro que acreditem em mim. Sei que sou estranho, não tenho amigos e gosto de chamar a atenção. Nessa ida- de, só sei babar. Andar, um pé depois do outro que é bom, nada. (VIDAL, 2023, p. 22-23).

Apesar de estar sempre acompanhado por um adulto e do aparente desvelo dos que o cercam, é de especial relevância o contraste entre o que o pai de Ícaro, Olavo, um vendedor da *Enciclopédia da Eugenia Brasileira*, pensa a respeito da doença do filho e o que diz publicamente:

> *Olavo explica*
> sou louco pelo meu filho. Ícaro é um menino bom, mas tem muitas limitações. Alguma coisa genética que a gente não sabe explicar. Eu e

> a Ondina fazemos tudo por esse menino e que remos que ele tenha uma vida normal. Ele vai à escola. É muito querido pelos alunos. Não sei se sentem pena dele, aquela coisa das pernas bambas que ele tem, coitado do meu filho. Mas as outras crianças normais adoram o Ícaro. A gente sente só de ver a carinha dele. Deus é pai todo-poderoso e nos deu esse menino para cuidar. Temos muitos gastos com o Ícaro, os remédios são caros, mas valem cada centavo para vê-lo melhor. A Ondina é uma companheira única. Tirei a sorte grande. Fomos abençoados com Ícaro.
>
> *Olavo pensa*
> como essa criança baba, tropeça, me dá vergonha. Voa, Ícaro, voa.

O desejo paterno de que o filho, cujo nome é emblemático[2], caia da varanda e morra contrasta com o seu discurso de apoio e amor ao menino. Defensor do movimento eugenista, Olavo preferia ver o filho morto a conviver com a vergonha que a existência dele produz.

Cada personagem, a seu modo, expressa seus sentimentos em relação a Ícaro. A empregada negra, Íris, por exemplo, demonstra não apenas preocupação, mas também seu ponto de vista sobre a doença do menino:

> *Íris pensa*
> pobre do Ícaro. Menino doente da cabeça, a melhor ocupação que tem é ficar olhando o casarão. O bom de ser louco é que, por boa parte do tempo, ninguém te incomoda. Ele vigia a casa dia e noite, sempre da janela do quarto dele, da varanda do quarto da mãe ou da janela da sala. Espia sem parar o tanque de água suja pros marrecos. [...] Outro dia, ele me contou que debaixo da água cintilante é o caminho pro Japão. Baba sem parar e não é fácil entender a língua dele. Tem de ter paciência. Aquilo é remédio demais. Acham que o menino é doidinho, mas aquilo tem é minhoca na cabeça. Pensa demais. (p.24)

O Padre Arcanjo, também defensor da eugenia, assim descreve a doença de Ícaro e justifica a ausência de Olavo:

> Ícaro, coitado, de braço dado com a dona Ondina que era para as outras crianças não sentirem medo. Quando ele tomava remédio forte, soltava da boca uma baba que, por mais que ele tentasse, não controlava. Enrolava a língua, tentando guardar aquilo na boca, mas não conseguia. Esse quadro triste e feio era visto pela cidade toda, e as crianças morriam de medo dele. Dona Ondina dava o braço para assegurar às outras mães de que tudo estava sob controle. O senhor Olavo nunca levava o filho para passear porque era ocupado demais (p.25-26).

[2] Evoca o desafortunado voo de Ícaro, o filho de Dédalo, na mitologia grega.

A temática da eugenia é introduzida aos poucos, através das falas de diversos personagens. Na passagem a seguir, os propósitos do movimento são expostos com clareza:

> *Doutor Lírio e seu Olavo conversam*
> essa gente está se organizando. A Frente Negra Brasileira vem se multiplicando e agora eles têm o Clube Negro de Cultura Social, tem a Legião Negra. Veja isso, Olavo. Mas eles vão com a farinha e nosso bolo já está pronto; e dele, eles não vão comer nenhum pedaço. Você veja, meu amigo, que o Movimento Eugenista é o único movimento organizado que realmente pode salvar este país desse tipo de movimento. É uma teoria mundial e respeitada. A ciência está aí e não nos deixa dúvidas. E se a ciência não for a força suficiente para que se coloquem em seus devidos lugares, a Constituição nos garante essa luta. [...] A população precisa de educação de primeira qualidade. E nós que temos acesso a esses jornais, livros e panfletos, temos a obrigação de manter o povo de Santa Graça e região bem-informados. E não são somente os mestiços e pretos que atrapalham o bom desenvolvimento e progresso de um país. Infelizmente para você, meu amigo, é preciso entender que crianças defeituosas não nos dão qualquer vantagem para um lugar mais puro, sadio e limpo. Todos temos de pagar um preço pelo progresso, meu amigo.
>
> *Olavo pensa*
> voa, Ícaro, voa. (VIDAL, 2023, p.29).

Na ótica do Padre Arcanjo, personagem controversa, graças à incongruência entre a sua posição de clérigo e suas ações, "Santa Graça deve seguir a tendência progressista do país através das mentes mais brilhantes de cientistas e intelectuais, e abraçar a causa eugenista" (VIDAL, 2023, p. 34), pois, "a cidade é pioneira em muitas iniciativas que estão abrindo caminhos para um país muito melhor, livre de contaminações" (VIDAL, 2023, p. 34). Lamenta, entretanto, que "gente como a Íris iria, aos poucos, desaparecer do mapa. Mas isso ainda ia demorar porque a negra ainda tem muita utilidade [...] não faz perguntas e faz silêncio. É discreta. Gente de confiança" (VIDAL, 2023, p. 34).

Por meio do pensamento de Íris, Vidal concede "voz" a uma parcela dos excluídos: os negros. Ela trabalha em várias casas, dentre elas, a de Ícaro e o casarão onde Lázaro vive. É frequentemente humilhada pela avó de Ícaro e, em diversos pontos do romance, demonstra o rancor que sente devido à atitude da patroa:

> *Íris pensa*
> ninguém aqui é rico, mas tem sempre jeito de arcar com os meus serviços. Devo ser muito miserável para aceitar trabalhar ouvindo desaforo em casa de pobre metido a bacana. Ganho uns trocados no fim do mês. Tenho hora de chegar, mas não tenho hora de sair. Incremento o salário baixo com uns perdidos na despensa. Entro pelo portãozinho dos fundos e tenho um banheiro só para mim porque a minha merda fede mais que a deles, devem achar. Só como depois que terminam de almoçar, com um garfo e faca também separados só pra mim porque a minha boca deve ter doença, eles imaginam. Dona Rosa e dona Ondina não dizem que ser preto é doença, mas não posso nem encostar nelas. E não eram só as duas que diziam isso. Dizem que os jornais que chegam aqui em Santa Graça publicam os maiores pensadores que espalham as ideias de limpeza para o progresso de um país. **Preto e louco são uma vergonha para uma cidade que quer ser modelo**, feito Santa Graça (VIDAL, 2023, p. 32- grifos nossos).
>
> *Íris sente*
> muito; vontade de matar a dona Rosa, a dona Ondina, o doutor Lírio, o seu Olavo, o Lázaro, as bruxas e misturar todos os talheres (VIDAL, 2023, p.29).

O que Íris sente corresponde a séculos de opressão. A mesma que levou Audre Lorde (2019) a escrever, em "Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo", que sua resposta ao racismo era a raiva. É por meio do pensamento da personagem que o leitor tem acesso à história do bando de meninos negros que pedem restos de comida e água nas casas das famílias ricas de Santa Graça e são geralmente rejeitados:

> Numa segunda-feira, depois do menino Ícaro voltar da escola, ele se pendurou na varanda do quarto da mãe dele e viu passar uns quatro, cinco meninos que pararam no casarão. Gente minha: roupas ajambradas em tom alaranjado de terra batida. Pediam um copo de água. Aqui na casa do Ícaro, eu não posso abrir a porta pra eles, a avó do Ícaro não me deixa. Quando me veem da grade, gritam meu nome para buscar pão velho. Se eu for, dona Rosa me manda embora. O Ícaro e os pretinhos não podem nem conversar (VIDAL, 2023, p.12).

Muito embora não possa fazer nada por eles, Isis observa que os meninos encontram guarida na casa de Lázaro, o que, de certo modo, lhe causa muita estranheza, dada a fama das donas da casa, e, por esse motivo, ela observa com atenção o que ocorre no casarão:

> [...] Lobélia abriu a porta. Fez sinal para esperarem na varanda, e vi quando chamou alguém de casa. Dália foi até à varanda, deu batidinhas leves nas cabeças dos meninos, que abriram a boca e mostraram os dentes, mas não era sorriso. Alpínia chegou com água e biscoito e uma toalha, que Dália usou para limpar as mãos depois de encostar nas crianças. Ela mandou que voltassem no dia seguinte para comerem pão, mesmo horário. Os meninos desceram os degraus da varanda que dava para a rua. Pareciam alegres. As mãos sujas de terra agarravam os caramelos pretos que ganharam, aqueles com gosto de queimado, que grudam nos dentes (VIDAL, 2023, p.12-13).

A "bondade" aparente das três mulheres não esconde o preconceito que se revela na necessidade de limpar as mãos após tocar nas crianças negras. O romance mostra como o preconceito contra os negros é construído:

> Dona Rosa e a mãe do menino, a dona Ondina, ensinaram que os negrinhos entravam na casa dos outros para roubar. Eram diferentes dos ciganos que entravam para ler a nossa mão e nos contar sobre o futuro; roubavam, e a gente nem se dava conta. Os meninos de cor, preciso fosse, batiam nos outros e levavam as coisas compradas com tanto sacrifício. A dona Rosa dizia também que eram preguiçosos porque se eles que eram brancos estudavam e trabalhavam para conseguir os confortos da vida, por que os pretos não faziam o mesmo? (VIDAL, 2023, p. 12).

Todo preconceito se concretiza a partir da repetição e, com o tempo, passa a ser aceito como verdade, visto que 'a consolidação de uma imagem estereotipada depende fundamentalmente de um consenso de opinião dos indivíduos que constituem um grupo" (FLEURI, 2006, p.499). Segundo Bhabha (2007), os estereótipos têm uma dupla natureza: eles são reconhecidos e internalizados como representações fixas, ao mesmo tempo em que demandam reafirmação incessante para manter sua relevância. O romance evidencia os frutos dessa repetição:

> *Ícaro pensa*
> a Íris lava prato, lava roupa, lava o chão e a mão dela conti- nua preta. Ela esfrega a trouxa no tanque, água sanitária no chão da varanda. Não adianta: a mão dela é sempre preta (VIDAL, 2023, p. 13).
>
> *Lázaro diz*
> a Íris lava prato, lava roupa, lava o chão e a mão dela continua preta. Ela esfrega a trouxa no tanque, água sanitária no chão da varanda. Não adianta: a mão dela é preta e suja (VIDAL, 2023. p. 14).

O caráter ideológico do racismo legitima estereótipos e preconceitos. Conforme Torla enfatiza,

> [...] discriminação racial, ou racismo, consiste em sustentar (1.) que existem raças distintas; (2.) que certas raças são inferiores (normalmente, intelectualmente, tecnicamente) às outras; (3.) que esta inferioridade não é social ou cultural (quer dizer adquirida), mas inata e biologicamente determinada (TORLA, 1997, p. 31).

Apesar das recomendações da mãe e da avó, Ícaro gostaria de poder interagir com os pretinhos que vê da varanda de sua casa, principalmente, um deles, que, ao longo de vários dias, joga para ele um dos caramelos que ganha quando bate à porta da casa das três velhas, a quem Ísis chama de bruxas.

Os dados que compõem o fio da história vão sendo revelados aos poucos, como, por exemplo, o caso do sumiço do menino dos caramelos. Em uma das rubricas, Íris pensa que o viu pela última vez em uma sexta-feira. Na rubrica seguinte, Ícaro lembra-se de tê-lo visto entrar no casarão, porém não de vê-lo sair:

> Eu vi que o menino dos caramelos e mais quatro bateram palma no casarão e dessa vez entraram. Eram quase sete da noite e o cheiro da sopa vindo do casarão era sinal de que os meninos tinham sido convidados a se sentarem à mesa, comer feito gente. Talvez um naco de pão fresco para acompanhar o creme de milho que eu cheirava da varanda do quarto da mãe. Eu me pendurei na janela até às oito, quando a mãe me gritou que a janta estava pronta. Das sete até às oito, nem sinal deles. Deviam estar se enchendo de comida de verdade (VIDAL, 2023, p. 13).

O sumiço do menino não escapa à Iris, que também reflete sobre isso:

> Terça, quarta e quinta, a mesma coisa se repetiu. Os meninos do Mata Cavalo batiam na porta do casarão; Alpínia ou Lobélia davam pão e água. Dália dava leves batidas nas cabeças deles, enchia-lhes as mãos sujas de caramelos, e eles iam embora. O mesmo menino que jogou a bala para Ícaro, jogou várias outras até chegar sexta-feira, que foi quando eu vi pela última vez o menino da Ester (VIDAL, 2023, p. 13).

Assim, sem que haja uma narrativa explícita, é lançada uma associação entre o desaparecimento do menino e as vozes no sótão mencionadas na primeira página do romance. O destino dos negrinhos está intimamente associado à crença da sociedade local na necessidade de extirpar tudo o que poderia degenerá-la.

O romance contém relatos de ações específicas voltadas à eugenia. Dentre elas, a esterilização em massa das negras sob a alegação de que estavam com apendicite; operação que causou o aborto do único filho que Íris concebeu. A "epidemia" que acometeu as negras do Mata Cavalo causou estranheza, que só aumentou quando um funcionário de um posto de saúde da cidade grande informou que a doença não era contagiosa. Embora não diretamente, *Puro* evoca casos de esterilização compulsória ocorridos no Brasil e no mundo. A política da eugenia foi aplicada em diversos países, como o Japão (entre 1948 e 1996), na Índia (entre 1975-1977 e contemporaneamente), no Peru (entre 1990 e 2000) e também no Brasil, onde foi investigada por uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito em 1990.

As três velhas, de inegável inspiração shakespeariana, colaboram com a causa eugenista a seu modo. Assim como as *weird sisters* do bardo inglês, que, em seus caldeirões, criavam poções mágicas, elas se põem a cozinhar horas a fio:

> *Ícaro pensa*
>
> as vozes do casarão continuavam e passei a semana muito nervoso sem conseguir me levantar sozinho da cama ou da cadeira. Os uivos do segundo andar eram tão altos na minha cabeça que eu chorava, tapava a boca como se tentasse calar todos os berros que eu ouvia. Íris também ouvia, mas a mãe, o pai e a vó não ouviam nada. Diziam que a preta não era de confiança e que a minha cabeça estava pifando de vez [...] dava pra ver o fogão a lenha. Lázaro me disse que as suas três mães caprichavam na feijoada e que o que não faltava era orelha, pé e nariz. Focinho, ele corrigiu rapidamente enquanto gargalhava. O que cozinhava sem parar no fogão a lenha das três velhas? Por que o fogo nunca era apagado? Por que a gordura que o João da lavagem carregava de lá era mais grossa que tinta fresca? O vô não aparecia para me contar (VIDAL, 2023, p. 48).

Vidal confere à narrativa características da ficção gótica ao criar o casarão em cujo segundo andar se ouvem vozes angustiadas e gritos, o mistério em torno do que as três velhas cozinham e a presença do espírito do avô de Ícaro, que, em sonhos, lhe dá conselhos e narra eventos do passado dos quais não poderia se lembrar devido à sua idade.

O leitor atento associará de imediato o sumiço dos pretinhos às vozes que Ícaro ouve e, posteriormente, aos relatos sobre a gordura que sobra dos caldeirões do casarão:

> *Ícaro pensa*
> a lavagem comum das casas de Santa Graça não se compara com essa do casarão. A Íris trabalha aqui em casa e nas vizi- nhas. Ela apanha os

> baldes, que as costas até fazem curva. As crianças da escola dizem que a lavagem e gordura grossas da casa dos meus vizinhos são feitas de poções mágicas de resto de comida que sobrava do caldeirão das três bruxas. As três irmãs cozinham praticamente o tempo todo. Eu vejo da ponta da minha janela o fogo que nunca é apagado; os potes sempre altos e fundos cozinhando algo que nunca fica pronto, como um mocotó feito de osso e pé de bicho (VIDAL, 2023, p.19).
>
> *Lázaro diz*
> a lavagem comum das casas de Santa Graça não se compara com essa da minha casa. Dizem que a lavagem e gordura gros- sas são feitas de poções mágicas de resto de comida que sobra das panelas das minhas mães. As três cozinham o tempo todo. Uma poção mágica que é feita de osso, orelha e pé (VIDAL, 2023, p.19).

As suspeitas do leitor se acentuam com os pensamentos de Ícaro, que vê Lázaro com uma bolsa de ossos e, inclusive, é atingido por três embrulhos de papel contendo dentes que o outro lhe atira pela janela, bem como vê também o padre com um saco suspeito em uma noite escura. A vigília constante do menino leva o padre a propor aos pais dele uma sessão de exorcismo. O Padre Arcanjo, sempre reverenciado pela comunidade, é um pedófilo que frequentemente leva Lázaro à casa paroquial sob o pretexto de dar-lhe aulas de latim. Assim o romance descreve a perversão do padre:

> *Padre Arcanjo sente*
> temor a Deus;
> dor na consciência;
> a mão debaixo da batina;
> desejo por meninos. (VIDAL, 2023, p. 34).

Conquanto o padre usufrua da consideração da comunidade e de algumas regalias, Ondina, a mãe de Ícaro, não se deixa enganar, como mostra a passagem a seguir:

> *Ondina pensa*
> todo domingo, antes de almoçar, as três vizinhas do casarão vão à missa [...] Vão as velhas e o menino Lázaro. Voltam as velhas, Lázaro e o padre Arcanjo, que almoça no casarão todos os domingos sem falta. O domingo inteiro passa e o padre Arcanjo sai do casarão às quatro da tarde. Carrega uma bolsa e uma marmita. As velhas do casarão o mimam o quanto podem. São muito devotas e mantêm uma relação de estreita amizade com o padre. **De vez em quando, padre Arcanjo leva o Lázaro com ele para a igreja.** Quando coincide de eu estar na varanda e ver eles saírem, **o padre explicava que Lázaro toma aulas de latim com ele no domingo à tarde**, horário de folga das rezas.
>
> *Ondina comenta*
> **aulas de latim… Sei** (VIDAL, 2023, p. 16)

Ainda assim, e surpreendentemente, ela não se mostra preocupada quando, junto ao marido, leva Ícaro para ser exorcizado:

> O pai bateu na porta da casa paroquial, o padre atendeu e mandou que esperássemos na sala. Apenas duas cadeiras numa sala simples, como Deus queria. **Meus olhos viram, da greta da porta, Lázaro. O rapaz estava sem roupa, deitado na cama, de costas. Lá de dentro, os olhos em fogo do padre se cruzaram com o meu**. Ele veio até a sala e disse que Lázaro estava descansando [...] Depois de molhar as mãos com água benta, padre Arcanjo pediu para que meus pais o deixassem sozinho comigo porque só assim o exorcismo funcionava [...] **Meus pais saíram de prontidão e ele pediu que eu tirasse a roupa,** prova de humildade perante a Deus. Eu balancei a cabeça que não. Me agarrei ao pano que cobria a mesa, lutando para que ele não me encostasse a mão. Além de medo, eu tinha muito nojo do padre Arcanjo[...] **Naquele momento, ele chegou bem perto de mim, encostou o peito na minha cabeça e a perna na minha coxa** [...] gritei tanto e bati tanto a cabeça debaixo da mesa que a mãe apareceu na sacristia. Eu estava sem a camisa que o padre Arcanjo tinha arrancado e saía sangue da minha cabeça. O padre gritou para que a mãe saísse da sala, já que naquele exato momento ele brigava contra o diabo que estava dentro de mim. **Contou para a mãe que até a roupa eu queria tirar, prova de que o Satanás e a sem-vergonhice me atacavam**. Quis gritar que era mentira, mas minha língua enrolada não conseguia falar nada. O pai chegou e padre Arcanjo sugeriu que o doutor Lírio fizesse uma visita (VIDAL, 2023, p. 44-45, grifos nossos).

A fragilidade do menino, sua impossibilidade de narrar o que de fato acontecera, mostra um aspecto importante da obra, o desvelamento de como os micropoderes, ou seja, a capacidade de manipular e controlar opiniões a nível local ou em pequena escala, se instauram e são socialmente aceitos.

A narrativa, que percorre os pensamentos e falas das personagens, promove múltiplas percepções dos acontecimentos e vai sendo construída aos poucos. O desfecho da história se dá com a chegada de Helga, uma cuidadora especializada no trato de deficientes. A personagem, cuja história é narrada na segunda parte, intitulada “Delfina Bittencourt”, tem, na realidade, uma identidade forjada e torna-se uma peça chave para os adeptos do movimento eugenista. Criada pelas freiras do Colégio Santa Catarina após o assassinato dos seus pais, ela fora objeto da luxúria daquelas mulheres e, desde muito cedo, iniciada nos prazeres do sexo. Esse estado de coisas muda quando o seu tutor, um tio, que já planejara para ela o casamento com um primo distante, surge repentinamente no colégio no intuito de buscá-la para o funeral de sua filha. Ao chegar ao colégio, a cena

com a qual se depara, ou seja, a nudez de Delfina e da freira que com ela se banhava, faz com que ele a abandone à própria sorte:

> Arrumei as malas sob a censura do tio, que a caminho da estação me abandonou antes que o trem dele partisse, me proibindo de segui-lo. Cogitei voltar ao colégio, mas a minha certeza era a de que não seria bem recebida [...] sentei-me sozinha no banco da estação. Quando olhei e não notei ninguém na plataforma, vi que estava livre. Não tenho dinheiro, não tenho para onde ir e não tenho família. Não tenho idade, qualificações, passado ou futuro. Sinto a cabeça explodir e traço uma narrativa. Conto para mim a história que repetiria pelo resto da vida. Dou-me um novo nome e passo a ser enfermeira. No trem, o fim da linha é Santa Graça. No trem, calcanhares juntos. Fecho firme as pernas. Eu sei que nunca mais sentirei nada entre elas. Vou sentir falta da irmã Raquel. Meu nome é Helga Tatler, sou enfermeira, descendente de uma família de alemães imigrantes que morreu assassinada por negros. Tenho muita experiência em cuidar de crianças e trabalho nunca me faltou. Fui educada de forma rígida e patriótica por freiras católicas. Um modelo. Inquestionavelmente um privilégio me ter por perto. (VIDAL, 2023, p. 55-56).

Assim surge a enfermeira Helga, a *persona* ideal que propiciará à personagem sair da miséria em que se encontra. Ao chegar à Santa Graça, pusera-se sob a proteção do Padre Arcanjo que a encaminhara a dois locais de trabalho, onde infelizmente, as duas crianças das quais cuidava haviam morrido. Mesmo assim, ele a indica aos pais de Ícaro para cuidar do menino, bem como ressalta a afinidade de Helga com o movimento eugenista.

À chegada de Helga à casa de Ícaro, segue-se uma conversa aos sussurros com Olavo, que, em várias passagens do romance expressa, em pensamento, o desejo de que o filho morra. Logo em seguida, inicia um embate com Íris, que, à janela, segurava Ícaro para que este pudesse olhar o tanque dos patos, no qual ele acaba caindo e se afogando:

> Enquanto eu esticava os dedos cada vez mais alongados para pegar as cores e o brilho da água, eu comecei a voar para debaixo da terra. Parecia flutuar em um ar pesado em direção ao Japão. A certa altura, devo ter esbarrado em alguma coisa e parei de flutuar. Eu estava de pé, não rastejava mais e minha fala estava suave. Abri os olhos e diante de mim as crianças loucas de Santa Graça. Uma jogada escada abaixo, a outra asfixiada por um travesseiro, uma com a cabeça rachada do tombo no banheiro e uma menina que carregava peixinhos de borracha presos à mão. Um sopro nas minhas costas e uma gargalhada. Quando me virei, vi na minha frente o menino dos caramelos. Então era a caminho do Japão que ele se escondia! Sorri. Ele me sorriu de volta. Dentro da sua boca, faltavam-lhe todos os dentes.

O relato da morte de Ícaro é revelador e antecipa alguns dados que só serão explanados na segunda parte, quando, finalmente, o leitor toma ciência de que o abuso que sofrera na infância fizera de Delfina uma mulher tão pervertida quanto Padre Arcanjo:

> Gustinho tinha sete anos quando cheguei. Não foi fácil cuidar dele, dava bastante trabalho. Era muito retardado e se comportava como um bebê. Às vezes, quando chorava muito, precisava levá-lo para o quarto, trancar a porta e dar de mamar para ele. Sugava meus peitos como se tivesse leite. Mesmo sem dar qualquer alimento, Gustinho se acalmava. (Eu sinto saudade da irmã Raquel.) Eu deixava que ele 68 Nara Vidal brincasse com meus seios redondos, e ele os lambia e chupava. Coisas que só mãe deixa o filho fazer, era carinho demais por aquele menino! [...] Quando cresceu mais um pouquinho, eu notei que queria tocar minhas partes mais íntimas. Pelo bem dele e para que não gritasse, ensinei a ele direitinho o que precisava fazer. Ficava quietinho, feito um cabritinho, o rapaz. (Irmã Raquel.) Uma vez, houve um problema: ele, que nunca falava, gritou num almoço de família que eu o forçava a fazer coisa errada. Um punhal no meu coração. Como pôde uma criança contar tanta mentira! [...] De qualquer forma, fiquei arrasada quando, um dia, na banheira, eu me virei para pegar uma barra de sabonete e um pacote de permanganato e, enquanto eu lia as instruções, Gustinho se afogou. Foi tamanha rapidez que não consegui salvá-lo (VIDAL, 2023, p.68).

Ao longo do texto, são inseridas notícias emitidas pela Rádio Minas, primeiramente atestando o fato de que fora descoberto um banco de ossos clandestino e que dois pardos haviam sido presos em flagrante. À medida que a notícia se repete, mais dados vão sendo acrescentados até que, por fim, na passagem abaixo:

> *Santa Graça ouve*
> a Rádio Minas noticia:
> *A polícia na cidade de Monte Novo, no estado de Minas Gerais, apreendeu um banco de ossos clandestinos, de crianças e adultos. Dois pardos foram presos em flagrante. Os dois elementos informaram que trabalhavam limpando os restos mortais que eram vendidos para médicos e dentistas, através de um esquema praticado na cidade de Santa Graça. A investigação procura um padre, um médico, três mulheres e um vendedor de enciclopédias, além de uma enfermeira que cuida de crianças defeituosas e um elemento pardo que recolhe lavagem e gordura das casas da cidade. Procurados pela polícia, o médico e o dentista de Monte Novo negaram qualquer envolvimento deles e dos ilustres moradores de Santa Graça. O elemento que recolhe gordura e lavagem das casas foi detido e deve prestar depoimento. Os dois pardos foram presos na cadeia municipal.* (VIDAL, 2023, p. 70).

Assim, engenhosamente, Vidal introduz a investigação que envolve várias personagens cujas histórias pessoais se intercalam ao longo do romance. A sucessão de depoimentos que se segue é entretecida aos pensamentos de Íris, a quem coube desvendar o mistério do sumiço dos pretinhos:

> *Íris pensa*
> o Jão não mente, nunca mentiu. Se eu falar o que vi, me matam, e eu preciso cuidar da mãe. Vou marcar de confessar com o padre Arcanjo.(VIDAL, 2023, p.71).
>
> *Íris pensa*
> naquela sexta-feira, enquanto eu esperava o Jão passar na rua para carregar a lavagem da casa das três velhas, Lázaro lazarento veio gritando e sacodindo a barra da minha saia. Di- zia que precisava pegar uma peça do quebra-cabeças que faltava para terminar de montar um homem-pássaro e que tinha medo de ir sozinho no andar de cima do casarão. Avisei pro menino que eu não tinha permissão para pisar lá.[...] Lázaro me avisou que bastava abrir a porta e ele correria para pegar o que faltava. Foi exatamente o que aconteceu, e essa fração de tempo foi o necessário para me aterrorizar até para depois da minha morte. Com o ranger da porta aberta, meus olhos se abriram e lá estavam os moleques pretinhos, magros de se ver os ossos, amordaçados, cujos urros abafados era possível ouvir vez ou outra. Ícaro não estava louco: o sótão era mal-assombrado. Tinha meninos pretos amordaçados e definhando. Os olhos brilhantes de completo desespero se cruzaram com os meus. Muitos dos moleques eram os filhos das pretas do Mata Cavalo. As velhas chegaram e seguiram a rotina delas dentro da normalidade. Eu olhava para os olhos fundos daquelas três velhas e não acreditava em tanta ruindade. Eu sabia do plano de branquear a gente, a cidade inteira, mas nunca tinha visto de perto um pretinho sumindo. Será que eu ouvi ou não ouvi o Lázaro lazarento falar para o Jão que a gordura da casa era gordura de gente? (VIDAL, 2023, p. 80).

Um dos aspectos criativos do romance é o modo como a autora processa a temporalidade. Nas passagens acima, o tempo cronológico da ação cede lugar ao fluxo do pensamento da personagem, que comete o erro de confessar-se com o Padre Arcanjo. Este, por sua vez, comunica o fato aos seus asseclas:

> Padre Arcanjo comenta
> com doutor Lírio;
> com Olavo;
> com as três velhas;
> com Helga;
> com Lázaro que a Íris sabe. (VIDAL, 2023, p. 82).

O desfecho do romance mostra, uma vez mais, como os micropoderes se instauram e se unem, afetando e, por fim, destruindo os socialmente desfavorecidos. Após a confissão, Íris é gentilmente expulsa de Santa Graça:

> Doutor Lírio avisa
> senhora Íris, há tanto tempo nos servindo com tanta dedicação. Eu me reuni com o padre Arcanjo e alguns outros cidadãos ilustres de Santa Graça e decidimos que a senhora merece um pouco de descanso. Avise a excelentíssima sua mãe que vocês estão de mudança. Terão uma casa grande só para vocês e não há de faltar nada. Até mesmo o padre Arcanjo lhe prestará visitas semanais para que confesse suas aflições. Há muitos acontecimentos nesta cidade ultimamente. Precisamos colocar ordem na casa, e a senhora é importante para Santa Graça. Nosso desejo é que tenha boa saúde. A senhora alguma vez já tirou um tempo livre para o descanso? Está tudo pronto para que tome posse da fazenda Horizontina. Gostaríamos que senhora aceitasse esse nosso singelo presente. Claro, senhora Íris, é merecedora de muito mais, mas é o que temos por enquanto. Que aceite a nossa honesta oferta (VIDAL, p. 82-83).
>
> *Íris ganhou*
>
> uma fazenda;
> roupas novas;
> empregados;
> cavalos;
> dor de cabeça
>
> *Íris garantiu*
> o silêncio. (VIDAL, 2023, p.83).

Mesmo tendo sido enviada para a fazenda distante, onde é assombrada pela alma do escravo Gregório, que lá fora supliciado, o silêncio de Íris continua a ser uma ameaça, que se mostra mais evidente quando ela decide romper o trato e ir ao cemitério de Santa Graça para resgatar os restos mortais do filho abortado. Acusada de louca — modo mais simples de livrar-se de pessoas inconvenientes —, ela é levada de volta à Horizontina. A ameaça só se extingue com a vida da personagem, cuja morte é assim retratada:

> Entraram na casa grande o padre Arcanjo, as três velhas, a Helga, o Lázaro, o Olavo, o doutor Lírio. A Íris, olhos de lágrima, parecia que já os aguardava. Sentada na cadeira de balanço da sala de entrada ainda conseguia ouvir os grilos. Convida as visitas para entrar. Fecha os olhos, Íris. Íris fechou os olhos. Ao abrir de novo, estavam na sua frente o Joaquim, o Ícaro, as crianças avoadas de Santa Graça e os negrinhos

> do Mata Cavalo. Viu ainda a mãe e viu Gregório que vestia a pele preta (VIDAL, 2023, p. 90).

O reecontro de Íris com as vítimas do preconceito alerta o leitor para o fato de que a mãe da personagem também não escapa à sanha de seus assassinos. É digno de nota o fato de que Vidal apela para a intratextualidade nessa porção final do romance, ao trazer personagens de *Sorte* para o universo ficcional de *Puro*. Gregório sem pele é o pai da escrava Mariava, uma das personagens-chave do primeiro romance de Vidal.

Igualmente sugestivo é o fato de que ambos os romances são intitulados a partir de palavras que têm uma inegável força expressiva nas narrativas e são repetidamente usadas pelas personagens. Nas duas obras, os títulos sugerem algo que as histórias desconstroem.

2. A proposta estética de Nara Vidal: um olhar sobre o diverso

A escrita de Vidal tem como traço distintivo a tessitura de narrativas curtas que abordam temáticas complexas e apresentam personagens controvertidas, que causam, muitas vezes, incômodo ao leitor. Sem sobras, os textos de Vidal são, em diversos momentos, como fraturas expostas, que nos obrigam a perscrutar o âmago de certas questões que a sociedade ainda tenta mascarar.

Ao abordar o tratamento dispensado aos negros e aos deficientes em *Puro*, ainda que com tintas fortes e desfechos trágicos, a autora aponta para algo que ainda persiste nos dias de hoje: a dificuldade de aceitar o diverso, que leva ao silenciamento e à marginalização.

Ecoando as palavras de Edouard Glissant (1981, p.190) em "O mesmo e o diverso", a escrita de Vidal tem algo da "função de dessacralização, de heresia, de análise intelectual, que consiste em desmontar as engrenagens de um sistema dado, em pôr a nu os mecanismos escondidos, em desmistificar". Reunindo na ficção o pai que intimamente deseja a morte do filho, o padre pedófilo, a falsa enfermeira assassina, as três velhas macabras e outras tantas personagens racistas e preconceituosas, a autora nos faz lembrar que os frutos da estereotipia e do preconceito existem e persistem no mundo empírico.

Considerações finais

O cenário em que o romance de Nara Vidal se desenrola, ou seja, os anos de 1930, corresponde a um período histórico em que as práticas de seleção artificial de seres humanos tornou-se uma política pública racista oculta sob o rótulo de eugenia, que, em paralelo ao movimento sanitarista, inculcou no imaginário público a rejeição ao diverso, a tudo aquilo que pudesse representar uma mácula no ideal de pureza racial que o país pretendia atingir.

Esse resgate do arquivo histórico faz com que se compreenda a extensão de temas que são recorrentes na literatura contemporânea, como o racismo, evidenciando uma das suas formas de expressão.

Com *Puro*, Vidal dá continuidade ao traço ousado da sua escrita, que não teme uma reação negativa à densidade dos temas que aborda. No romance, a "pureza" que só se obtém com o extermínio do outro imprime ao adjetivo que dá título ao romance um caráter irônico. As personagens que ambicionam a pureza da raça no universo ficcional são seres destituídos de humanidade, corruptos e impelidos por desejos ocultos e perversões. É sobre essas distorções de caráter que o comportamento social em Santa Graça é construído. Em consonância com o título, é possível afirmar que qualquer semelhança com a vida é mera coincidência.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

DIWAN, PIETRA. *Raça Pura*; uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FLEURI, Renato M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/Kwkmd6D4VKcmv5tkW7tsvdv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 maio 2024.

GLISSANT, Edouard. Le Même et le Divers. In: GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais.* Paris: Seuils, 1981. p.190-201.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo. In: *Irmã outsider*: ensaios e conferências. Autêntica Editora,2019.

VIDAL, Nara. *Puro*. Lisboa, Portugal: Relógio d'Água, 2023.

Recebido em: 27/05/2024.

Aceito em: 08/07/2024.